

FUNCIONAMENTO DO *SE* CONDICIONAL: CRITÉRIOS DE PROTOTIPICIDADE E VARIAÇÃO NOS USOS DO CONECTOR

Aymmée Silveira Santos

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, aymmeesst@gmail.com;

Camilo Rosa Silva

Professor orientador: Doutor em Letras, pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, com Pós-Doutorado em Letras na Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP, camilorosa@gmail.com.

RESUMO

O item *se*, classificado pelos gramáticos normativos como conjunção condicional, é considerado o mais prototípico de sua categoria. É necessário, no entanto, esclarecer que seu uso não ocorre de maneira aleatória, mas em conformidade com os propósitos comunicativos e os contextos sociais diversos, podendo apresentar variações sintáticas, semânticas e discursivas. Assim, o presente trabalho objetiva descrever e analisar critérios para evidenciar a prototipicidade nos usos do conector condicional *se*, demonstrando suas variações sintáticas, semânticas e discursivas. Este trabalho é fundamentado na vertente da Linguística Funcional Norte-Americana, tendo sido utilizados como aportes teóricos estudos desenvolvidos por Neves (1999; 2012; 2018), Castilho (2010), Givón (1984;1991), dentre outros. O *corpus* utilizado na pesquisa foi o banco de dados *Corpus do Português*, sendo selecionados os jornais *online*. Pudemos constatar, com base nos resultados obtidos, que o conector *se* apresenta variações sintáticas, semânticas e discursivas nos seus usos, com influência direta na organização textual e discursiva.

Palavras-chave: Gramática Funcional, Critérios de prototipicidade, Variações nos usos, Conector condicional *se*.

INTRODUÇÃO

Tradicionalmente, as relações de condicionalidade são observadas através da análise das orações iniciadas pela conjunção *se* e suas equivalentes (NEVES, 1999; 2012; 2018). Esse critério utilizado pelos gramáticos normativos demonstra a produtividade do item *se*, classificado como conjunção condicional, considerado o mais prototípico¹ de sua categoria. Embora o conector² *se* seja reconhecido pelos normativistas como condicional por excelência, é necessário esclarecer que seu uso não ocorre de maneira aleatória, mas em conformidade com os propósitos comunicativos e os contextos interacionais diversos, podendo apresentar variações sintáticas, semânticas e discursivas.

Na presente abordagem, nossa atenção está voltada para o funcionamento desse conector em contextos de uso definidos, em que forças cognitivas e comunicativas atuam no momento concreto e se manifestam de modo universal, em um processo contínuo e gradual, conforme Maia (2002) enfatiza:

[...] Processo em todas as suas vertentes, desde o próprio processo de inovação linguística [...], passando pelo processo social da difusão na comunidade, até a completa mutação linguística e, simultaneamente, pelo processo de integração da inovação na estrutura da língua. (p. 232)

Assim, fundamentado na vertente da Linguística Funcional Norte-Americana, ao advertir que a condicionalidade é estabelecida com base nos contextos reais de uso, e adotando uma perspectiva de ensino de gramática vinculada às situações de uso da língua, influenciada pelo discurso, este trabalho³ tem como objetivo geral descrever e analisar critérios para evidenciar a prototipicidade nos usos do conector condicional *se*, demonstrando suas variações sintáticas, semânticas e

- 1 Adotamos, no desenvolvimento do trabalho, a visão de *configuração prototípica* difundida por Givón ([1984] 2012, p. 42), em que “dentro de cada categoria, há o membro que ostenta o maior número de propriedades características, e é segundo essa semelhança que os demais membros devem ser classificados”.
- 2 Os conectores não se relacionam ao universo biossocial, mas à articulação interna do texto, interligando segmentos da frase ou do texto. Desse modo, não têm em si um significado referencial, mas sim adquirem significado no contexto de uso. (TAVARES, 1999, p. 63).
- 3 Este trabalho é um recorte de Tese de Doutorado em Linguística, em fase de elaboração.

discursivas. Desdobram-se, portanto, os seguintes objetivos específicos: i) Identificar, através de levantamento quantitativo, o índice de frequência do conector *se* no *corpus* da pesquisa; ii) Elencar outros critérios⁴ para evidenciar a prototipicidade nos usos do conector condicional *se*, e iii) Analisar as variações sintáticas, semânticas e discursivas nos usos do conector condicional *se*.

A base teórica ora assumida possibilita uma análise da língua em uso, considerando indispensáveis o contexto, a seleção e a organização de itens lexicais e gramaticais, além da intencionalidade e bases conceituais compartilhadas pelos interlocutores. Procura analisar o modo de construir e interpretar expressões linguísticas em uso, tendo como foco a eficiência na interação e a comunicação satisfatória (DUARTE; CASSEB-GALVÃO, 2017). Nessa perspectiva, utilizamos como *corpus* de pesquisa o banco de dados *Corpus do Português*, a ser descrito em seção posterior, para analisarmos o funcionamento do conector condicional *se* em textos jornalísticos *online*.

Para isso, o trabalho está organizado nas seguintes seções, somadas a esta introdução e algumas considerações finais: metodologia, que descreve os procedimentos metodológicos da pesquisa; referencial teórico, que aborda, panoramicamente, as orações condicionais nas perspectivas tradicional e funcional, nelas inserido o conector condicional *se* e os resultados e discussões, em que são descritos e aplicados os critérios para determinar a prototipicidade do conector *se* e suas variações sintáticas, semânticas e discursivas.

Assim, partindo dos dados coletados em textos jornalísticos que constituíram o *corpus* da pesquisa, descrevemos critérios para evidenciar a prototipicidade do conector *se*, ao mesmo tempo em que constatamos variações sintáticas, semânticas e discursivas nos seus usos, com influência direta na organização textual e discursiva.

METODOLOGIA

Para alcançarmos os objetivos propostos, realizamos uma pesquisa de base qualitativa e interpretativista, ao investigarmos os aspectos sintáticos, semânticos e discursivos instados nos usos do conector condicional *se* em orações hipotáticas adverbiais, levando em conta contextos de produção e propósitos comunicativos dos produtores dos

4 Consideramos que o índice de frequência é também um critério relevante para determinar a prototipicidade de um item linguístico em sua categoria.

textos jornalísticos *online*. A pesquisa é, também, quantitativa e descritiva, ao compreender um levantamento estatístico da ocorrência do conector condicional *se*, buscando estabelecer a descrição de parâmetros e padrões de uso, esclarecedores do seu comportamento.

O *corpus* utilizado nesta pesquisa é o *Corpus do Português* (CPD), um banco de dados da língua portuguesa, compilado e mantido pelos pesquisadores Mark Davies (Universidade Brigham Young) e Michael J. Ferreira (Universidade de Georgetown), com suporte financeiro proveniente do U.S. National Endowment for the Humanities, além de suas respectivas instituições de ensino. O banco de dados é subdividido em quatro *corpora*, organizados segundo critérios, como gênero (acadêmico, ficcional, jornalístico e oral), períodos de tempo e dialetos da língua portuguesa. Delimitamos, particularmente, o *Corpus do Português NOW*⁵, que reúne notícias da *web* (aproximadamente 1,3 bilhão de palavras), presentes em jornais e revistas *online*, compreendendo o período que vai do ano de 2012 até o atual, recorte que atende o contingente de dados demandados para a análise por nós pretendida e adiante explicitada.

Conforme estudo desenvolvido por Nascimento (2004), os *sites* jornalísticos apresentam ritmo de produção e dinâmica de leitura próprias, possibilitando recursos de áudio, de vídeo, maior extensão dos textos, inserção de *links* que ligam a outras notícias de conteúdo semelhante, além de permitir que o usuário-leitor se comunique com o suporte através de comentários ou questionamentos acerca do que foi lido. Essas características permitem maior interação entre o usuário-leitor e o veículo midiático, e distinguem os jornais *online* dos jornais impressos.

Para a realização da coleta dos dados, procedemos a quantificação dos jornais selecionados, constituindo um total de 60 (sessenta) jornais. A coleta foi realizada a partir do uso do localizador de texto presente no *Corpus do Português* e da leitura sistemática dos jornais⁶. A escolha por essa quantidade é justificada por acreditarmos que é representativa do português escrito nos jornais, alcançando suportes jornalísticos de regiões diversas do nosso país e quantitativamente consistente para alcançarmos os objetivos da pesquisa. Também, levamos em

5 Descrição elaborada com base nas informações divulgadas na página virtual do *corpus*.

6 O processo de coleta e seleção dos jornais desconsiderou os jornais de Portugal que constavam no banco de dados, uma vez que buscamos investigar os usos do conector na língua portuguesa brasileira; além disso, excluiu os *sites* que se encontravam com a página indisponível no momento da busca.

consideração o volume de textos que esse contingente compõe, fato que supomos, *a priori*, atestar a produtividade do fenômeno investigado.

REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção, abordamos, panoramicamente, as orações condicionais nas perspectivas tradicional e funcional, nelas inserido o conector condicional *se*. Para isso realizamos, inicialmente, uma revisão dos elementos que atuam como conjunções condicionais, presentes em uma amostra de compêndios gramaticais elaborados por gramáticos representativos da perspectiva tradicional e por gramáticos representativos da perspectiva funcionalista, utilizados frequentemente nos estudos da língua portuguesa. O resultado dessa revisão pode ser observado no seguinte quadro:

Quadro 01 - Conjunções condicionais listadas em compêndios gramaticais

Melo (1978)	se, caso, a não ser que, sem que.
Rocha Lima ([1986] 2009)	se, caso, contanto que, sem que, uma vez que, dado que, desde que, etc.
Cunha ([1989] 2007)	se, caso, contanto que, salvo se, sem que [=se não], dado que, desde que, a menos que, a não ser que, etc.
Bechara (2009)	se, caso, sem que, uma vez que (com verbo no subjuntivo), desde que (com verbo no subjuntivo), dado que, contanto que, etc.
Castilho (2010)	se, se...então, se...é porque, se é que, como se, se...é/era/for, etc
Bagno (2011)	se, caso, se acaso, se...então ⁷
Neves (2018)	se, caso, que [= sem que], contanto que, desde que, a menos que, a não ser que, sem que, uma vez que, dado que, salvo se, exceto se, como se, se...então, se é que, etc.

Fonte: elaboração própria

De modo geral, observamos no quadro 1, a presença da conjunção *se* em todos os compêndios gramaticais que foram consultados. Esse resultado ressalta o *se* como elemento prototípico das conjunções condicionais. Além disso, vemos no referido quadro, a presença de elementos

7 É interessante mencionar que Bagno (2011) apresenta a classificação do *se...então* em correlativa hipotética, uma vez que, segundo ele, as conjunções correlativas introduzem sentenças que estão em interdependência, a meio caminho entre a coordenação e a subordinação (BAGNO, 2011, p. 886).

condicionais mais inovadores nos compêndios gramaticais desenvolvidos por Castilho (2010) e Neves (2018), de abordagem funcionalista, quando comparamos com os demais compêndios, de caráter tradicionalista. Castilho (2010) e Neves (2018) apresentam, por exemplo, o **se... então** com a finalidade de destacar o paralelismo existente entre as conjunções condicionais e as conjunções conclusivas.

Ao examinarmos de maneira mais detalhada cada um dos compêndios gramaticais mencionados no quadro 1, no que diz respeito ao tratamento das orações condicionais, constatamos que Melo (1978) as indica como uma subclasse das conjunções subordinativas. O autor assevera que a oração subordinada recebe nome conforme o papel que desempenha na oração da qual é dependente. Desse modo, ao caracterizá-la por elementos que exprimem hipótese ou condição, indica como exemplo de oração adverbial condicional ou hipotética "Evitavam-se; **se podiam**, não comiam juntos; **se comiam juntos**, diziam pouco ou nada (Machado, Esaú e Jacó, p. 306)" (MELO, 1978, p. 151).

As orações condicionais são apresentadas por Rocha Lima ([1986] 2009) como um tipo de oração subordinativa. É oportuno mencionar que o autor discorre sobre o tema de maneira embrionária e pouco esclarecedora, uma vez que não há explanação do que vem a ser uma oração condicional. O gramático apresenta, tão somente, alguns termos que podem ser classificados como conjunções condicionais e aponta dois exemplos desse tipo de oração: *Irei a casa, [se puder.]* e *Contar-lhe-ei o caso, [contanto que você guarde segredo]* (ROCHA LIMA, [1986] 2009, p. 237).

Cunha ([1989] 2007) atesta que as conjunções subordinadas condicionais iniciam orações adverbiais, o que se configura como uma informação a mais, quando comparamos com Rocha Lima ([1986] 2009). O autor aponta que as orações condicionais são definidas como aquelas que "iniciam uma oração subordinada em que se indica uma hipótese ou uma condição necessária para que seja realizado ou não o fato principal" (Cunha ([1989] 2007), p. 338). A título de exemplificação, é apresentada a oração *Seria mais poeta, se fosse menos político (M. de Assis)*.

Para justificar a classificação de determinadas conjunções como condicionais, Bechara (2009) explica que o elemento **se** transpõe oração ao nível de advérbio, estando qualificada a exercer a função de adjunto adverbial, com valor de circunstância de condição (BECHARA, 2009). Posteriormente, o gramático conceitua as orações condicionais e hipotéticas como aquelas que, ao iniciarem uma oração, em geral exprimem: a) uma condição necessária para que se realize ou se deixe de realizar

o que se declara na oração principal; b) um fato – real ou suposto – em contradição com o que se exprime na principal. O autor destaca como principais conjunções o *se*, *caso*, *sem que*, *uma vez que* (com verbo no subjuntivo), *desde que* (com verbo no subjuntivo), *dado que*, *contanto que*, etc. Exemplifica, por fim, as orações condicionais em *Se os homens não tivessem alguma coisa de loucos, seriam incapazes de heroísmo [MM]* (BECHARA, 2009, p 327).

Castilho (2010, p. 375), por sua vez, reconhece que, tradicionalmente, há três tipos de relacionamento entre a prótase, que é a primeira sentença, e a apódose, a segunda sentença. O primeiro deles é definido condicional real ou factual, uma vez que o enunciado da prótase é concebido como real, e em decorrência disso o enunciado da apódose é tido como uma consequência necessária, igualmente real. Segundo o linguista, essas condicionais remetem para o mundo do já sabido, e geralmente apresentam o esquema [*se* + indicativo/indicativo], para fazer referência à partícula *se* seguida dos modos dos verbos presentes na oração condicional e na oração principal, visto em seu exemplo: *se eu estudo, passo de ano*. Ele acrescenta que as condicionais reais mostram paralelismo com as causais e as conclusivas em *Se S1, é porque S2* e *Se S1, então S2*, nos respectivos exemplos: (...) *porém se há persistência do nódulo...é porque aquele nódulo é patológico; (...) Se essa aréola possui uma série de tubérculos...então* o tubérculo é nomeado de (...)."

A relação modo-temporal desses tipos também foi analisada, em que se obteve a predominância do presente do indicativo, tal como Castilho (2010) apresenta no já mencionado esquema.

O segundo tipo de relacionamento entre a prótase e a apódose é chamado de condicionais eventuais ou potenciais, pois a prótase é eventual, e a apódose confirma a hipótese anterior desde que seja satisfeita a condição verbalizada na prótase. De acordo com Castilho (2010), as condicionais eventuais representam o mundo epistemicamente possível, tendo como esquema habitual o [*se* + subjuntivo/indicativo], ilustrado no exemplo: *Eu acho que se sair antes das seis horas da manhã sai melhor*.

O terceiro tipo é denominado de condicionais contrafactuals ou irrealis, em que a prótase encerra uma afirmação falsa, contrária à realidade. O esquema apresentado pelo autor é o [*se* + subjuntivo/forma em -iria], demonstrado em: *a imagem que eu fazia era a seguinte: se o Japão fosse uma Birmânia (...) as economias industriais que ganharam a Segunda Guerra não teriam ajudado o Japão*.

Neves (2018) destina um capítulo de sua gramática para discorrer sobre as orações subordinadas adverbiais condicionais. Para introduzir

a noção desse tipo de oração, inicia seu capítulo apresentando o texto *Amigos da onça*, escrito por Petrarca da Cunha Melo Maranhão, que, de acordo com a autora, trata de um episódio de nosso folclore que originou a expressão *amigo da onça*. Após detalhar a narração do episódio, a linguista assevera que no texto há uma série de orações iniciadas por *se*, utilizado para expressar um evento hipotético que constitui uma hipótese/condição para que ocorra o evento expresso na segunda oração, a oração principal, a exemplo do que se pode visualizar na passagem do texto *Se eu encontrasse uma onça no meu caminho, eu logo me ocultaria no primeiro lugar que encontrasse [= a eventualidade de eu encontrar uma onça no meu caminho condiciona o evento de eu me ocultar no primeiro lugar que encontrar]* (NEVES, 2018, pp. 909-910). Em relação a esse mesmo trecho, é acrescida a informação de que estamos diante, pois, de um período composto por subordinação, em que a oração que indica condição exerce a função de adjunto adverbial de condição.

Neves (2018) aponta ainda, que nem toda hipótese é eventualmente possível de ser preenchida, esclarecendo que no trecho retirado de uma notícia *Se você fosse meu marido, eu poria veneno em seu café*, a hipótese *você ser meu marido* é uma condição não preenchida, tendo em vista que *você não é meu marido* (NEVES, 2018, p. 911).

A ordem das orações é outro ponto discutido pela estudiosa, ao frisar que a oração condicional posposta, isto é, colocada no final da frase, representa de modo mais evidente uma informação nova e relevante, enquanto que a oração condicional anteposta, em que a condição é anterior àquilo que é condicionado, é uma espécie de ponto de apoio para o que se vai dizer a seguir. Neves (2018) aponta a oração condicional anteposta como mais frequente, além de observar que, geralmente, o uso de vírgula se faz mais presente em orações condicionais antepostas do que em orações condicionais pospostas. Essa constatação corrobora a sustentação feita por Dahlet (2006, p. 37), de que a pontuação "é substancial à produção textual, ou seja, simultânea e não consecutiva, já que a pontuação é operadora sintática e semântica".

No que se refere ao estatuto informacional das orações adverbiais condicionais, é relevante acrescentarmos que o falante, tendo como parâmetro o que julga ser do conhecimento do ouvinte durante a comunicação, configura sua fala, sintaticamente, com vistas à eficácia da comunicação. Nesse sentido, a informação velha representa o que o falante acredita estar na consciência do ouvinte; enquanto a informação nova corresponde ao que o falante acredita estar acrescentando à consciência do ouvinte no momento da enunciação. Além disso, se uma

informação for recuperada com base no contexto precedente, é considerada velha, se não, é nova (CHAFE, 1976).

Assim como Castilho (2010), a linguista subdivide as orações adverbiais condicionais em factuais, contrafactuais e eventuais. Segundo ela, as construções factuais se constroem tanto no passado como no presente e futuro, com a oração condicional sempre no indicativo. A autora chama atenção para o fato de que algumas construções factuais apresentam valor contrastivo, como em *Se há quem julgue a virgindade de Maria um exemplo a ser seguido e o seu "faça-se em mim segundo a sua vontade", há quem a considere importante líder feminista – CV-T*, em que há o contraste de duas opiniões sobre Maria (NEVES, 2018, p. 923).

No que concerne às construções contrafactuais, é asseverado que na oração condicional, geralmente, a forma verbal se encontra no pretérito imperfeito ou no pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo, sendo este último exclusivo dessa construção, enquanto que a oração principal se caracteriza pela forma verbal, geralmente, no futuro do pretérito, simples ou composto. Para a autora, as construções contrafactuais podem estabelecer valor comparativo, quando na oração coexistirem a conjunção comparativa *como* e a conjunção condicional *se*, visto em *Eu me sentia como se estivesse sendo vigiado – AFA-R* (NEVES, 2018, p. 927), ou ainda, indicar valor optativo: *Ah, se não precisássemos deles – CS-D = precisamos deles*. (NEVES, 2018, p. 928).

No que diz respeito às construções eventuais, de acordo com a autora, são construídas tanto no passado quanto no presente e no futuro, apresentando, em sua oração principal, formas no indicativo ou no subjuntivo. Ao longo de suas explicações acerca dessa construção, destacamos o uso do *se é que*, objeto de nosso estudo, considerado pela linguista como um elemento utilizado para exprimir uma ressalva, uma dúvida maior quanto à eventualidade expressa, quando comparado ao uso do *se*. Além disso, a autora aponta que as construções eventuais podem apresentar também valor alternativo, como em *Se você não consegue se controlar, você não consegue dormir- VEJ-J*, ou valor concessivo, quando, por exemplo, a conjunção concessiva *mesmo* precede a conjunção condicional, visto em *Mesmo se eu morrer na China, quero ser enterrado em Pedreiras – FSP-J* (NEVES, 2018, pp. 234-235).

A construção de orações condicionais não canônicas também é explicada por Neves (2018), ao comprovar casos em que o falante faz uso da oração condicional, mas não fornece o conteúdo da oração principal, incumbindo do ouvinte, a partir de seu conhecimento prévio recuperá-lo conforme as informações do texto e da situação comunicativa. Também,

essa recuperação contextual pode ocorrer com base na própria fala do interlocutor, como exposto no diálogo: - *Os táxis estão em greve. Como você vai para o festival?* – *Só se for a pé (BE-R)* (NEVES, 2018, p. 937).

Concluído esse panorama do tratamento que a condicionalidade e o uso dos conectores que a articulam recebem de gramáticos de diferentes tendências, cuidaremos, na seção a seguir, da apresentação dos dados com os quais trabalhamos e a interpretação que a análise realizada nos permite formular.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com a finalidade de confirmar a aparente prototipicidade do conector condicional *se*, e analisar suas variações sintáticas, semânticas e discursivas, listamos como critérios de investigação os parâmetros descritos abaixo:

1. **ÍNDICE DE FREQUÊNCIA:** na perspectiva funcionalista, a frequência de uso é tida como fundamental para o estabelecimento e a manutenção da gramática (GÖRSKI, 2013). Segundo Bybee e Hopper (2001), o estudo de qualquer fenômeno linguístico envolve os contextos reais de uso e a frequência com que esse fenômeno ocorre. A gramática, nesse sentido, depende do efeito do discurso sobre as formas e da frequência com que elas são usadas.
2. **EXISTÊNCIA OU NÃO DE PAUSA:** em se tratando de textos escritos, a existência ou não de pausa, indicada através de sinais de pontuação, revela o índice de integração entre as orações adverbial e nuclear. A existência de pausa nas adverbiais condicionais marca um maior grau de independência sintática entre as orações, a despeito da dependência semântica, sendo denominadas, portanto, orações hipotáticas (HOPPER; TRAUOGOTT, 1993). Em outras palavras, os conectores seguidos ou precedidos de pausa (sinalizada pela pontuação) são mais prototípicos que aqueles que não a apresentam. A ausência de pausa, por sua vez, remete a uma ligação mais forte entre as orações.
3. **ORDEM DA ORAÇÃO ADVERBIAL:** a ordem em que a oração adverbial aparece em relação à oração nuclear é outro parâmetro que representa o grau de prototipicidade dos elementos conectores condicionais. Segundo Neves (2018), a oração condicional anteposta à oração nuclear é mais frequente, além do fato de que a existência de pausa sinalizada pela pontuação também

é mais recorrente em orações condicionais antepostas do que em orações condicionais pospostas à oração nuclear. Ainda, a adverbial condicional pode aparecer de modo intercalado com a oração nuclear, com a existência ou não de vírgulas. Dessa forma, observaremos o conector condicional presente na oração anteposta, considerando que esta é mais prototípica do que as orações condicionais pospostas ou intercaladas à oração nuclear.

4. **ESTATUTO INFORMACIONAL:** De acordo com Neves (2018), as orações adverbiais condicionais apresentam de modo mais frequente uma informação que não é dita como nova. Portanto, quando uma informação apresentada na oração for considerada nova e relevante, seu grau de prototipicidade será inferior ao de conectores utilizados em orações condicionais que retomam alguma informação presente na oração nuclear. Além disso, se uma informação for recuperada com base no contexto precedente, é considerada velha, se não for recuperada, é nova (CHAFFE, 1976).
5. **NÍVEL HIPOTÉTICO:** esse parâmetro diz respeito ao nível hipotético alcançado segundo a possibilidade de preenchimento de uma condição. Sendo assim, conforme Castilho (2010), a oração condicional pode expressar uma condição já preenchida, indicando um fato, sendo denominada condição real ou factual; pode expressar uma condição não preenchida, indicando um não-fato, classificada como condição contrafactual ou irreal, ou pode expressar uma condição possível de preencher e consequência eventual, denominada condição eventual.

Ao aplicarmos os parâmetros definidos e descritos, contemplando os critérios sintáticos, semânticos e discursivos, os dados encontrados revelaram uma variação no que diz respeito ao uso do conector *se*, o que corrobora a noção de que a gramática é continuamente constituída (GIVÓN, 1991).

No que se refere ao parâmetro 1, a amostra de 60 textos analisados, identificamos 101 ocorrências do conector condicional *se*, o que demonstra que o conector vem sendo utilizado de modo frequente pelos usuários que escrevem nos jornais *online*. Com relação ao parâmetro 2, de existência ou não de pausa, constatamos a prevalência de sinal de pontuação indicador de pausa ao se fazer uso do conector, marcando maior independência sintática entre as orações adverbial e nuclear, de acordo com os dados informados na tabela 01, a seguir:

Tabela 01 – Existência ou não de pausa nos usos do conector condicional **se**

Parâmetro	Quantidade	%
Existência de pausa	81	80,2
Ausência de pausa	20	19,8
Total	101	100

Podemos constatar, pela tabela 01, que na maioria das ocorrências de orações adverbiais condicionais introduzidas pelo item **se** houve a precedência ou sucessão de pausa, sinalizada por sinal de pontuação, correspondendo a 80, 2 % do total, ao passo que 19,8 % do total das orações condicionais apresentou-se com ausência de pausa. Essa porcentagem revela que o conector mais canonicamente consagrado com a função condicional, vem sendo predominantemente precedido ou seguido de algum sinal de pontuação, colaborando para uma maior mobilidade sintática. Vejamos alguns exemplos em que a pausa se fez presente no fluxo das orações:

(01) “O Ricardo é um monstro, tem 39 anos de idade, treina para caramba, tem uma responsabilidade muito grande de liderança dentro do plantel. Eu avisei o Ricardo que sairia com o Alerrandro. Ontem mesmo no treino, ele foi o último a sair do campo treinando finalização. **Se** fosse qualquer outro atleta, poderia ter terminado o treino e ir embora para o chuveiro”, disse Santana. (SUPERESPORTES)

(02) A hepatite C é transmitida pelo contato com o sangue contaminado. Pode ser na manicure, pelo alicate de unha, por exemplo, ou na hora de colocar um piercing, **se** os instrumentos não estiverem esterilizados. “E eu tenho tatuagem também, e aí acho que foi um dos motivos também de eu querer saber se caso estou contaminado ou não”, conta o ator Felipe Tavares. (G1)

Os dados (01) e (02) ilustram a relação prototípica da hipotaxe adverbial. No (01), a existência de pausa, marcada por vírgula, após a oração adverbial e antes da oração nuclear, demonstra a independência sintática entre as duas orações. No (02), também é observado o uso de vírgula, no entanto, após a oração nuclear e antes da oração adverbial.

A independência sintática entre as orações nuclear e adverbial reflete a possibilidade de as adverbiais serem colocadas em diferentes pontos da escala da sentença (CASTILHO, 2010). Observemos, por

exemplo, a composição da sentença em (02), em que o uso da vírgula assinala um maior distanciamento entre a condicional e a informação presente na oração nuclear, de que a hepatite C é transmitida pelo contato com o sangue contaminado. A oração hipotática condicional aparece também com um valor exemplificativo, isto é, de como a hepatite C pode ser transmitida por instrumentos não esterilizados: Outras questões inerentes à possibilidade de colocação das adverbiais em diferentes pontos da escala da sentença serão discutidas ao analisarmos o parâmetro *ordem da oração adverbial*.

Vejamos um dado que ilustra o uso do conector condicional *se* em oração com ausência de pausa:

(03) **VAI VENDENDO**

21 de março de 2019 em 08:25

Essa é para quem defende o capitalismo, as privatizações e os privatizantes ou o PSDB e PMDB que entregaram o Brasil.

Se apenas 3% dos lucros da empresa fossem distribuídos A ESSES VOTANTES daria uma quantia de R\$ 23.690,21 PARA CADA UM. (DIÁRIO DO VALE)

O dado (03) demonstra o uso da condicional sem a presença de pontuação indicadora de pausa. Assim, observamos um vínculo mais forte entre as orações principais e as orações adverbiais, não permitindo, conseqüentemente, grande mobilidade da adverbial na sentença, já que a informação presente na adverbial *apenas 3% dos lucros da empresa fossem distribuídos A ESSES VOTANTES* está diretamente ligada à informação da oração nuclear, *daria uma quantia de R\$ 23.690,21 PARA CADA UM*, estabelecendo uma relação conclusiva.

Quanto ao parâmetro *ordem da oração adverbial* introduzida pelo conector condicional *se*, encontramos os seguintes resultados:

Tabela 02 – Ordem da oração adverbial nos usos do conector condicional *se*

Parâmetro	Quantidade	%
Anteposta	80	79,20
Posposta	16	15,85
Intercalada	05	4,95
Total	101	100

Através dos resultados dispostos na tabela 02, verificamos a predominância da anteposição da oração adverbial construída com o *se* condicional, com 79,20 % das ocorrências, em relação à posposição, que

corresponde a 15,85% das ocorrências e às intercaladas, com 4,95%. O dado (01), anteriormente apresentado, explicita uma ocorrência de oração adverbial anteposta, enquanto que a oração adverbial posposta é evidenciada em (02). Quanto às intercaladas, vejamos a ocorrência seguinte:

(04) [...] Tem outro fenômeno menos conhecido, mas igualmente importante: quando a grávida está desnutrida ocorrem adaptações fisiológicas que deixam a criança com mais risco de obesidade quando adultos. Além disso, a criança que nasce com adulta”, explicou Ana Kepple. (G1)

Em (04), a oração adverbial *se consegue sobreviver* aparece intercalada na oração nuclear *Além disso, a criança que nasce com baixo peso terá mais risco de sofrer de obesidade quando adulta*, entre pausas, sinalizadas pelas vírgulas.

A ordem das adverbiais também determina o estatuto de informação apresentado por elas. Dessa forma, o estatuto informacional é elencado como o próximo parâmetro a ser analisado, de modo a comprovarmos suas variações. No que se refere ao uso da condicional *se*, foi constatado que o estatuto informacional das orações adverbiais antepostas é distinto do estatuto informacional das adverbiais pospostas. Os dados comprovaram que há uma tendência de que as antepostas conduzam informações velhas, enquanto que as pospostas e as intercaladas veiculam informações novas, conforme os resultados expostos na tabela 03:

Tabela 03 – Estatuto informacional da condicional *se* conforme ordem da oração adverbial

Ordem da adverbial	Estatuto informacional	Quantidade	%
Anteposta	Informação velha	80	79,20
	Informação nova	00	0
Posposta	Informação velha	05	4,95
	Informação nova	11	10,90
Intercalada	Informação velha	00	0
	Informação nova	05	4,95
Total		101	100

Os dados constatados na tabela 03 evidenciaram a ocorrência de informações velhas introduzidas por meio das orações condicionais antepostas à oração nuclear, de forma majoritária, correspondendo a 79,20%

das ocorrências. Esse resultado condiz com a afirmação feita por Neves (2018) de que é mais prototípica na oração condicional que aparece na ordem anteposta à oração nuclear a veiculação de uma informação velha. Em contrapartida, apesar de as orações condicionais pospostas à nuclear expressarem, na maioria das ocorrências, (10,90%), informações novas, houve algumas ocorrências de orações pospostas que introduziram informação velha (4,95%). No que concerne às orações intercaladas, observamos que expressaram informações novas (4,95%). Em (01), por exemplo, a oração adverbial indica uma informação que não é nova, já que é decorrente de ideias que haviam sido expressas pelo treinador Santana em relação à determinação indica uma informação nova, a de que os instrumentos não esterilizados podem transmitir hepatite C.

No que diz respeito ao quinto parâmetro, o *nível hipotético*, verificamos a possibilidade de preenchimento de uma condição estabelecida pelo uso do conector *se*.

Obtivemos os resultados apresentados na tabela 04:

Tabela 04 – Nível hipotético estabelecido nos usos do conector *se*

Nível hipotético	Quantidade	%
Condicional factual	12	11,88
Condicional eventual	67	66,34
Condicional contrafactual	22	21,78
Total	101	100

Como explicitado na tabela 04, os dados comprovam que, embora tenha havido uma variação no nível hipotético, prevaleceu a condicional eventual, com a utilização do *se* para dizer respeito a uma hipótese possível de ser preenchida, o que correspondeu a 66,34% do total de ocorrências. Em seguida, houve uma maior quantidade de ocorrências de condicionais contrafactuais, representando 21,78%, para se referir a uma irrealidade decorrente de uma condição não preenchida. Por fim, atestamos ocorrências de condicionais factuais, relacionadas a condições já preenchidas, representando 11,88% do total. Vejamos algumas ocorrências que ilustram esses níveis hipotéticos:

(05) **Em 2014 vendi uma moto no valor de no valor de R\$ 4000,00 (a moto era financiada, com o valor da venda quitei a mesma), depois vendi um carro no valor de R\$ 12,000 e comprei um carro no valor de R\$ 27,000. Devo declarar? Pago taxas? Minha renda não atinge os 26.816,55. (Guaracy Cezatte)**

Resposta: A venda de bens até o valor de R\$ 35.000,00 está isenta de imposto sobre o ganho de capital. Assim, **se** os seus rendimentos tributáveis foram inferiores a R\$ 26.816,55 e **se** não se enquadrar em outra situação de obrigatoriedade, você está dispensado da apresentação da declaração. (G1)

No dado (05), atestamos dois níveis hipotéticos estabelecidos em uma mesma sentença. Em entrevista, o consultor Antônio Teixeira Bacalhau, ao responder pergunta realizada por um dos leitores do jornal, faz uso do conector **se** em dois momentos. Temos, portanto, duas orações adverbiais interpostas ligadas à oração nuclear, no entanto, com condições de preenchimento distintas.

Na primeira oração adverbial, assinalamos que se trata de uma condição já preenchida, uma vez que retoma a afirmação feita pelo leitor/entrevistador de que sua renda não atinge o valor de R\$ 26.816,55. Nesse caso, temos uma condicional factual, que estabelece um valor conclusivo ao inferirmos o elemento **então** antes da oração nuclear: **(então) você está dispensado da apresentação da declaração**. Na segunda oração adverbial, identificamos uma hipótese tida como eventualmente possível de ser preenchida. A possibilidade de o leitor/entrevistador não se enquadrar em situações de obrigatoriedade de declaração do imposto de renda, gera uma condicional eventual, cujo valor conclusivo também pode ser reforçado através da inserção do conector adverbial.

Diferentemente, quando a adverbial condicional denota uma condição já não preenchida, estamos diante de condicionais contrafactuais. Essa condicional pode ser vista em (06):

(06) A organização evitou estimar a quantidade de presentes e confirmar que a mobilização no Recife era uma defesa deliberada de Sérgio Moro. “Não é uma defesa ao juiz, mas para evidenciar o ultraje das acusações. **Se** elas fossem verdadeiras, ainda assim seriam vazias. Sérgio Moro, se é que estava fazendo algo, estava deliberando para outros membros. Afinal, força-tarefa existe para prender os envolvidos em corrupção”, afirmou o policial militar e conselheiro da Direita Pernambuco Maxwell Cavalcanti, 35 anos. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO)

Como podemos observar, em (06), a oração adverbial condicional indica que, para Sérgio Moro, as acusações que foram feitas não são verdades, demonstrando a ocorrência de uma condicional não preenchida, contrafactual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo descrever e analisar critérios para evidenciar a prototipicidade nos usos do conector condicional *se*, demonstrando suas variações sintáticas, semânticas e discursivas. Para isso, elencamos os seguintes critérios: índice de frequência, existência ou não de pausa, ordem da oração adverbial e estatuto informacional.

A aplicação dos critérios de prototipicidade dos conectores condicionais, descritos no trabalho, aponta que apesar do conector *se* ser o mais prototípico da referida categoria, pode apresentar variações sintáticas, semânticas e discursivas, a partir da ativação dos propósitos comunicativos e dos contextos em que está sendo utilizado.

REFERÊNCIAS

BAGNO, M. **Gramática pedagógica do Português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BYBEE, J. L. HOPPER, P. **Frequency and the emergence of linguistic structure**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

CASTILHO, A. T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CHAFE, W. L. Givenness, Contrastiveness, Definiteness, subjects, topics and point of view In: LI, C. **Subject and Topic**. New York: Academic Press, 1976.

CUNHA, C. (1989). **Gramática do português contemporâneo**. Edição de bolso. Rio de Janeiro: Lexikon; Porto Alegre, RS: L&PM, 2007.

DAVIES, M.; FERREIRA, M. F. **Corpus do português**. 2006. Disponível em: www.corpusdoportugues.org. Acesso em: 07 mai. 2020.

DUARTE, M. C. e CASSEB-GALVÃO, V. Funcionalismo clássico aplicado ao ensino. In: CASSEB-GALVÃO, V. e NEVES, M. H. M. **O todo da língua: teoria e prática do ensino de português**. 1 ed. São Paulo: Parábola Editora, 2017.

GIVÓN, T. Serial verbs and mental reality of “event”: grammatical vs. Cognitive packaging. In: Elizabeth TRAUOGOTT; B. HEINE (eds.) **Approaches to grammaticalization**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991. v.1.

GIVÓN, T. **Syntax I**. New York: Academic Press, 1984.

GÖRSKI, E. M. Reflexões teórico-metodológicas a respeito de uma interface sociofuncionalista. **Revista do Gelne**. Vol. 15 – N. Especial – 2013. p. 79- 101.

HOPPER, P. TRAUOGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

MAIA, C. A. **Dos textos escritos à história da língua**. AA.VV., História da Língua e História da Gramática (Actas do Encontro). Universidade do Minho / Centro de Estudos Humanísticos: Braga, 2002, p. 231-249.

MELO, G. C. de. **Gramática fundamental da língua portuguesa: de acordo com a nomenclatura gramatical brasileira**. 3.ed. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1978.

NASCIMENTO, A. S. do. **Webwriting e o texto no jornalismo online**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

NEVES, M. H. M. **Gramática do Português Falado**. Vol VII. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

NEVES, M. H. M. **A Gramática passada a limpo: conceitos, análises e parâmetros**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

NEVES, M. H. M. **Gramática funcional: interação, discurso e texto**. São Paulo: Contexto, 2018.

ROCHA LIMA, C. H. (1986). **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**, 55ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2019

TAVARES, M. A. **Um estudo variacionista de *aí, daí, então* e *e* como conectores sequenciadores retroativo-propulsores na fala de Florianópolis**. 1999. 176f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1999.